

1232 NOTÍCIA

Rubem Braga

SOUBE, outro dia, com tristeza, que você está doente. E nesta manhã de sol claro e ondas fortes, tenho quase remorso em me sentir tão só-lido e sadio diante do mar azul, e pensar em você, em um escuro apartamento dessa Paris friorenta.

Não me lembro dessa rua em que você agora está morando, mas imagino uma ruazinha estreita do Quartier Latin, com um ou dois bistrôs, um açougue em que a carne de vaca é enfeitada com rosas de papel, uma casinha de antiguidades, uma pequena livraria, uma venda de vinho e carvão, um hotel povoado de bolsistas africanos e outro de estudantes suecos.

Imagino uma entrada escura, uma «concierge» de cabelos brancos, presos no alto da cabeça, um pequeno elevador de duas portas oscilantes que sobe, com um gemido quase humano, até um corredor triste — e, dentro do apartamento, você com um capote preto, meio pálida, uma descuidada mecha de cabelos caindo pela testa. E quase ouço a sua voz grave com êsse francês saboroso de menina nascida e criada em Saint-Germain-des-Prés, falando de seu «boulot» ou me convidando a sentar, «bouffer» alguma coisa. Nevou pela manhã, agora, neste comêço de tarde, a rua é nervosa e triste, com gente apressada nas calçadas estreitas, e um ou outro táxi roncando e fazendo espirrar lama; o dia é curto, já se faz escuro, está um pouco menos frio, mas tudo muito úmido. E você estará triste, desanimada, na cama, olhando o papel da parede, como se nêle quisesse descobrir as linhas de seu futuro, neste momento vazio e ruim de sua vida.

Não sei que lembrança você terá dêste vago brasileiro, mas tenho a ilusão de pensar que lhe fará bem, saber que muito longe, muito longe, além do mar, há um homem que esta manhã, na praia de espumas brilhantes, pensou em você e pensou com ternura, e lembrou com saudade o seu riso claro e sua mecha de cabelos castanhos. Êste homem é inútil e não pode lhe mandar nem um pouco dêste sol para aquecer o seu corpo, nem um pouco dêste vento sadio e limpo do mar, para lavar o seu pulmão que respira êsse ar confinado que o «chauffage» resseca e a fumaça do cigarro vicia.

Mas guarde esta notícia, minha amiga: o mundo não é tão escuro e feio, e frio como lhe parece neste momento; fique bem quieta e paciente, num canto de cama, ouvindo as músicas do rádio, e sabendo que logo haverá também, para você, dias de sol, cálidos e alegres, com espumas brilhando e, lá atrás, além da praia, cigarras nas árvores a cantar. Daquí eu lhe mando êsse canto, e o dos pássaros que esvoaçam entre os telhados e as amendoceiras. É um canto de ternura e esperança, sôbre o grave marulho de minha praia — desta praia longe, longe, onde há um homem pensando, com muito afeto, em você.

E se você se erguer da cama e chegar lentamente até a janela para ver lá fora, pela vidraça embaçada, a rua escura e suja, e voltar ainda mais triste para a cama, pense nesta notícia à toa que eu lhe mando, e é tudo o que eu lhe posso mandar: ainda há sol, ainda há mar e vento de mar.

346